

* Artigo Original

Representações sobre dengue na comunicação midiática: há preocupação com a competência informacional?¹

Edlaine Faria de Moura Villela

Ministério da Saúde. Consultora técnica no Centro de Informações Estratégicas e resposta em Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde. Doutora em Ciências (Área: Epidemiologia) pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2012 (FSP/USP). Mestre em Saúde Pública pela FSP/USP, 2009. Especialista em Divulgação científica em Saúde, 2010 (UNICAMP). Especialista em Saúde Ambiental pela FSP/USP, 2008. Graduada em Ciências Biológicas pela UNESP, 2007. Graduada em Ciências da Informação e da Documentação pela USP, 2012. Graduada em Pedagogia pela UNINOVE, 2009.

edlaine@usp.br

Delsio Natal

Universidade de São Paulo. Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo (1977), mestrado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1982) e doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1986). Atualmente é professor associado da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Epidemiologia, atuando principalmente nos seguintes temas: culicidae, aedes aegypti, dengue, culex quinquefasciatus e controle.

natal@usp.br

DOI: 10.3395/reciis.v7i1.691pt

Resumo

Considerar o problema da dengue exclusivamente no contexto biológico não é suficiente. A mídia é produtor ativo de sentidos que reforça comportamentos em vez de modificar, por não se ponderar de que não se pode ensinar à população condutas promotoras de saúde sem considerar seus conhecimentos prévios. Nesse estudo, analisa-se a comunicação da mídia impressa sobre a promoção de ações educativas para o combate da primeira epidemia de dengue na cidade de Ribeirão Preto, SP, de novembro/1990 a março/1991. O método utilizado foi o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). O DSC tem suas bases na Teoria da Representação Social, a qual viabiliza a construção de painel de discursos sobre a realidade. Foram encontradas 125 notícias sobre a epidemia, nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, A Cidade (local), e nas revistas Veja e Revide (local). Seis subtemas emergiram da análise das notícias. O recorte escolhido para este trabalho foi o subtema *ações educativas promovidas*. Das 125 notícias, 76 não fizeram referência a esse importante assunto. Das 49 que abordaram, 19 enfocaram como foi feita a promoção de ações educativas para a mobilização da população, sete reconheceram a necessidade de conscientização, mas não apresentaram nenhuma proposta e apenas cinco delas trataram da escassez de ações educativas e da falta de informação. A população não foi estimulada a questionar constantemente atitudes e hábitos para auxiliar de forma significativa o controle da epidemia.

¹ Fonte de financiamento da pesquisa: CAPES

Assim, fica evidente a prevalência de questões políticas sobre questões prioritárias de saúde, o que dificulta a conquista da competência informacional. Nota-se que a análise do conteúdo informacional midiático das epidemias passadas é de extrema importância para a reformulação do como informar, preparando-se para desafios futuros.

Palavras-chave: Dengue; Teoria da Representação Social; Mídia impressa; Discurso do Sujeito Coletivo; Educação em Saúde.

Introdução

No Estado de São Paulo, Brasil, os primeiros casos confirmados de dengue aconteceram em 1986, todos importados. A chegada da primeira epidemia de dengue na cidade de Ribeirão Preto, localizada na região nordeste do Estado de São Paulo, ocorreu a partir do final de novembro de 1990 e durou até março de 1991 (PONTES et al., 1991), com aproximadamente 2.305 casos confirmados, o que representou uma incidência de 546,9 casos por 100.000 habitantes (RODRIGUES et al., 2002). O processo epidêmico, no qual houve apenas a circulação do vírus DEN-1, foi considerado de importante magnitude, pois ao se irradiar a partir de Ribeirão Preto atingiu diversas cidades do interior paulista (PONTES et al., 1991).

Além de o crescimento urbano apresentar fonte de indivíduos suscetíveis e infectados concentrados em áreas restritas, as condições precárias de saneamento, de moradia e falhas educacionais podem também contribuir para a proliferação do vetor (COSTA; NATAL, 1998), o que indica a complexidade da doença. A formulação do problema da enfermidade em termos exclusivamente biológicos é válido, pois viabiliza o alcance de conhecimentos científicos (MELO FILHO, 2003), mas não é suficiente estudar essa problemática apenas em seu aspecto biológico. É necessário estudá-la em seu aspecto social com o propósito de se obter respostas que se aproximem da realidade vivida pela comunidade acometida pela dengue.

Breilh (1991) revela como um processo epidêmico deve ser interpretado:

Essa forma de entender a relação entre o social mais geral e o biológico rompe com a idéia de que há uma separação entre essas duas instâncias como a que existiria entre duas partes distintas do mundo, que só se tocassem externamente. Pelo contrário, entre o social mais amplo e o biológico há um profundo entrelaçamento.

É com a mentalidade de conhecer o entrelaçamento existente entre o social e o biológico em uma epidemia de dengue que esse estudo sobre comunicação, educação e saúde foi proposto, tendo como fundamento a Teoria das Representações Sociais para conquistar essa interface do conhecimento e trazer contribuições significativas tanto para o campo da comunicação como para o campo da saúde.

Comunicação e saúde pública: mediações sobre dengue

Para fundamentar e realizar a proposta, os conceitos de lógica sanitária e lógica do senso comum foram recuperados, na tentativa de reunir pensamentos coletivos distintos. Conforme Lefèvre et al. (2007), a lógica sanitária é representada pelos profissionais da saúde que têm em seu poder o conhecimento científico da doença e devem divulgá-lo para a sociedade de alguma forma, ao passo que a lógica do senso comum é representada pelo pensamento da população.

Nesse contexto, é possível observar o conflito entre a comunicação dos espaços sociais. Os profissionais da saúde não podem ignorar a dificuldade de interpretação de dados científicos pela sociedade nem acreditar que as pessoas irão apropriar-se das informações científicas e alterar sua prática discursiva e comportamental em curto prazo (LEFÈVRE et al., 2007).

Sabendo que a educação em saúde, até os dias de hoje, apresenta-se fragmentada, vertical e unidirecional, mesmo com a difusão de campanhas, notícias, atividades em escolas, internet, passa a ser fundamental direcionar a atenção para os meios de comunicação massivos, visto que estes participam ativamente do processo de comunicação e informação em saúde. A comunicação e a educação não devem mais ser consideradas processos unidirecionais e sim, processos de circulação de significados sociais entrelaçados (RANGEL-S, 2008). Cada indivíduo é um interlocutor de informações que podem ser utilizadas pelas pessoas no cotidiano.

A mídia é vista na atualidade como um importante meio de veiculação de informações em saúde, com poder de transformar crenças ou consolidá-las. As notícias podem tanto levar ao esclarecimento popular quanto à confusão e alarmismo, ou seja, a informação pode ser usada para beneficiar a sociedade e permitir seu desenvolvimento pessoal ou para manipulá-la por meio da distorção do conteúdo abordado (FRANÇA et al., 2004). Mesmo sendo tão importante, a função da mídia não é intensamente estudada.

Há poucos estudos no campo da Saúde Pública sobre a função social da mídia em saúde (RANGEL-S, 2003) e, particularmente, sobre a forte relação entre a mídia e o contexto de uma epidemia associada a vetores biológicos. Diante da situação descrita, é essencial estudar a forma como os temas relacionados às epidemias são veiculados pela mídia com o intuito de avaliar o enfoque da informação midiática e se esse enfoque contribuiu ou não para a promoção da educação em saúde relativa ao combate da dengue. Devido à persistência da dengue na região de estudo, torna-se viável a realização de um estudo histórico-documental que traga à tona discursos e mensagens veiculadas na época sobre propostas de ações educativas elaboradas na época, na tentativa de encontrar possíveis falhas nos processos comunicativo e educativo, buscando se aproximar de soluções concretas para evitar futuras epidemias de dengue.

Objetivo

Investigar a primeira epidemia de dengue ocorrida em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil, no período de novembro de 1990 a março de 1991, com enfoque sobre os discursos e mensagens apresentadas na mídia impressa sobre a promoção de ações educativas.

Método e pressupostos de pesquisa

Foi feita uma pesquisa qualitativa sobre um evento epidêmico, de caráter exploratório, embasada na Teoria das Representações Sociais, sob a ótica da psicologia social (MOSCOVICI, 2009). Essa teoria é composta por vários elementos, como crenças e opiniões, que conseguem transmitir uma mensagem sobre a realidade quando sistematizados (JODELET, 2001), apresentando uma visão social da realidade por meio das representações sociais. Diante dessa fundamentação teórica, nota-se a pertinência em levantar as informações veiculadas pela

mídia impressa sobre ações educativas direcionadas ao combate da dengue na época da primeira epidemia em Ribeirão Preto, São Paulo.

O estudo foi feito por meio do levantamento de reportagens publicadas sobre a primeira epidemia de dengue pelo vírus DEN-1 na cidade de Ribeirão Preto. Todos jornais e revistas locais foram pesquisados. O período de busca das reportagens foi de novembro de 1990 a março de 1991, definido pela manifestação epidêmica em questão.

Foram reunidas 125 reportagens ao todo, as quais foram veiculadas por três jornais e duas revistas, sendo dois jornais e uma revista do Estado de São Paulo, e um jornal e uma revista locais, da cidade de Ribeirão Preto, SP, Brasil (Tabela 1). Para coletar essas reportagens, foram selecionados mídia impressa local que circulava na época da epidemia (*jornal A Cidade e revista Revide*) e mídia impressa editada no Estado de São Paulo que fosse de grande circulação. Nesse contexto, deu-se preferência para o prestígio dos meios de comunicação de massa, elegendo para a realização da pesquisa: os jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo; a revista Veja. A revista Veja foi escolhida para o estudo também diante da facilidade de acesso às notícias veiculadas na época, por meio acervo digital Veja 40 anos, o qual possui acesso livre.

Tabela 1. Número e proporção de matérias encontradas sobre a primeira epidemia de dengue em Ribeirão Preto, SP, segundo revistas e jornais impressos no período de novembro de 1990 a março de 1991.

FONTES DOCUMENTAIS	N	%
Folha de São Paulo	52	41,6
A Cidade (local)	34	27,2
O Estado de São Paulo	24	19,2
Veja	11	08,8
Revide (local)	04	03,2
TOTAL DE NOTÍCIAS	125	100,0

Fonte: Dados obtidos das reportagens utilizadas na pesquisa.

Para extrair informações das reportagens e realizar a investigação, utilizou-se o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), o qual reflete o pensamento de uma coletividade. O DSC é caracterizado pela organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal que, neste caso, foram obtidos de meios de comunicação massivos. Esse método consiste em analisar o material verbal coletado diante da seleção de respostas individuais à questão de interesse, e encontra-se fundamentado na Teoria das Representações Sociais.

Os trechos significativos dessas respostas são as *expressões-chave*. A síntese do conteúdo discursivo presente em uma expressão-chave é nomeada a 'ideia central'. Por meio de expressões-chave e ideias centrais formam-se discursos-síntese, que são os discursos do sujeito coletivo, no qual o pensamento de um grupo é sintetizado como se fosse um discurso individual. Após essa etapa, somam-se as ideias centrais semelhantes, agrupando-as em

categorias que representam essas ideias semelhantes. Assim, o trabalho pode também ser estudado sob o ponto de vista quantitativo (LEFÈVRE et al., 2000).

Os temas relacionados à dengue que foram estudados por meio do DSC foram escolhidos após a coleta das imagens e textos verbais. O contato com o material permitiu o entendimento do contexto da epidemia na época e ajudou a elucidar quais foram os principais assuntos abordados pelos meios de comunicação massivos durante o processo epidêmico. Foram encontrados seis subtemas mais frequentes. Esses subtemas foram transformados em perguntas, as quais foram feitas para cada reportagem encontrada, visto que cada uma foi considerada um sujeito da pesquisa a ser entrevistado (Quadro 1).

Quadro 1. Perguntas formuladas sobre a primeira epidemia de dengue em Ribeirão Preto, SP, a partir dos subtemas mais frequentes extraídos dos jornais e revistas referentes ao período de novembro de 1990 a março de 1991.

SUBTEMAS	PERGUNTAS FORMULADAS
1- Papel das autoridades	Qual foi o papel exercido pelas autoridades políticas e sanitárias diante da epidemia?
2-Situação epidemiológica e bioecologia do vetor	Como foi abordada a bioecologia do vetor e a situação epidemiológica?
3- Sintomas e tratamento da doença	Quais os sinais e sintomas, tratamento e formas de diagnóstico?
4- Métodos de controle	Quais métodos de controle foram adotados e como foi o processo de ação?
5- Ações educativas promovidas	Como foi a promoção de ações educativas?
6- Penalidades	Como se deu o processo de denúncias e aplicação de punições?

Fonte: Dados obtidos das reportagens utilizadas na pesquisa.

Comentários interpretativos foram tecidos sobre o pensamento coletivo por meio da análise das expressões-chave coletadas de notícias veiculadas na época da epidemia. Foi utilizado o software QualiQuantisoft, o qual viabiliza a execução de pesquisas que adotam o DSC como método, aumentando o alcance e a validade dos resultados (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

Para a elaboração deste trabalho, optou-se por explorar o subtema 5, com o intuito de apresentar alguns dos discursos formados e trazer para reflexão possíveis desdobramentos sobre mídia, educação em saúde e a primeira epidemia de dengue no município de Ribeirão Preto, SP. Os demais subtemas estão sendo explorados em outras publicações.

Resultados e discussão

Na contemporaneidade, a mídia apresenta narrativas de pesquisas que têm como objeto temas do pensamento coletivo, buscando aproximar a população da ciência, em vez de dificultar o acesso da sociedade a essa modalidade de conhecimento. Desse modo, não é cabível adotar um modelo de comunicação bipolar que não dê espaço para as pessoas revisarem suas atitudes e comportamentos a partir de novas experiências vividas e aprendizados adquiridos.

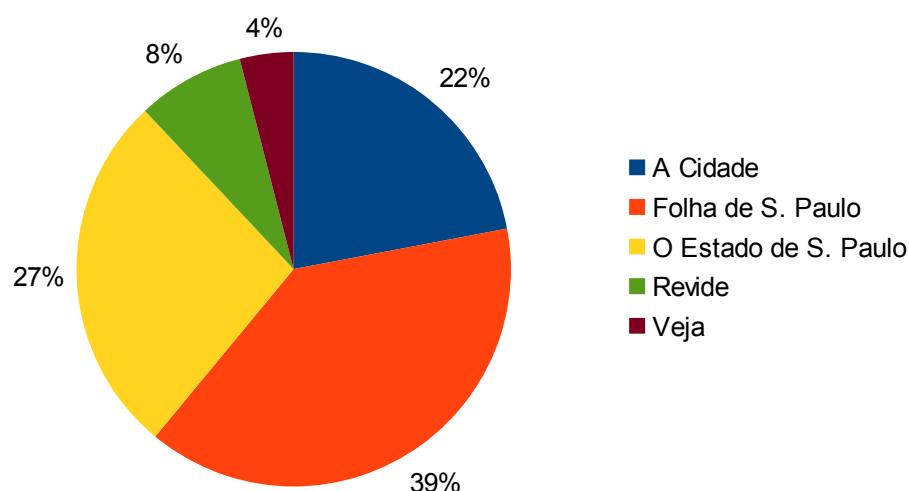
É nesse contexto que a interrelação entre os meios de comunicação midiáticos e a saúde viabiliza o alcance do contexto interdisciplinar de um processo epidêmico (VILLELA; NATAL, 2009). Os meios de comunicação influenciam o comportamento das pessoas e contribuem para a formação de ideias sobre a realidade e, conseqüentemente, para a tomada de decisões e mudança de atitudes. (VILLELA; ALMEIDA, 2012). Assim, é interessante realizar esse resgate de representações sociais de meios de comunicação para identificar hábitos, comportamentos e atitudes em relação à dengue que permitem repensar as estratégias de controle até então adotadas.

Conforme Ferraz e Gomes (2012), a quantidade de matérias publicadas pela mídia impressa sobre dengue mostra a dupla importância desse processo epidêmico: é um fenômeno epidemiológico e midiático. A periodicidade dos jornais é diária, enquanto a das revistas é semanal, impossibilitando assim comparar o volume de publicação entre jornais e revistas, pois as notícias não são produzidas com a mesma frequência em cada meio de comunicação massivo abordado nessa pesquisa. Cabe então ressaltar que o trabalho foi realizado com enfoque nos conteúdos das notícias, e não nos meios de veiculação, ou seja, não foi feito um estudo comparativo dos meios de comunicação de massa selecionados para a realização da pesquisa.

Para a pergunta 5 feita, com enfoque nas representações construídas pela mídia sobre a promoção de ações educativas, expressões-chave e ideias centrais foram extraídas das respostas, permitindo que várias categorias fossem formuladas para unir conteúdos discursivos de significado semelhante em cada categoria.

Analisando os resultados obtidos, observou-se a escassez de notícias que abordaram esse subtema tão essencial para o controle efetivo da doença. Apenas 49 notícias de 125 (39,2%) trataram o assunto, sendo o segundo subtema menos abordado pela mídia impressa. Do total de 49 notícias, 87,76% foram extraídas de jornais (Figura 1).

Figura 1 - Distribuição do subtema ações educativas promovidas, veiculado pela mídia impressa durante a primeira epidemia de dengue em Ribeirão Preto, segundo fontes documentais usadas no estudo. 1990, 1991.



Fonte: Dados obtidos das reportagens utilizadas na pesquisa.

Aproximadamente 39% (19) relataram de fato a promoção e execução de ações educativas para mobilização da população, enquanto 31% (15) trazem posicionamentos que reconhecem a necessidade de conscientizar a população. Dessas 15 notícias, 08 trouxeram propostas e recomendações, mas nada em execução, e 07 não apresentaram nenhuma proposta (Tabela 2).

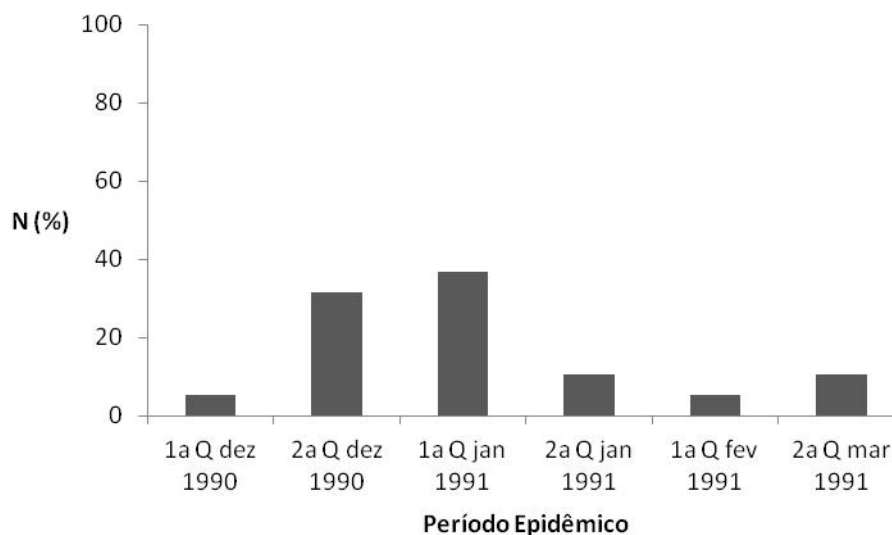
Tabela 2. Número e proporção de "respostas" dadas para cada idéia central formulada para a questão 5: "Como foi a promoção de ações educativas?", segundo categorias formadas. 1990, 1991.

CATEGORIAS	N	%
A - Promoção de ações educativas para mobilização da população	19	15,20
B - Reconhecimento da necessidade de conscientizar a população (nenhuma proposta feita)	07	5,60
C - Reconhecimento da necessidade de conscientizar a população (propostas e recomendações feitas)	08	6,40
D - Desmobilização e omissão da população	07	5,60
E - Ações educativas escassas e falta de informação	05	4,00
F - Modificação de hábitos da população	03	2,40
G - Tema não abordado na notícia	76	60,80
TOTAL DE RESPOSTAS	125	100

Fonte: Dados obtidos das reportagens utilizadas na pesquisa.

Chama-se a atenção para a categoria A (Promoção de ações educativas para mobilização da população), com o intuito de indicar que durante a primeira quinzena de janeiro de 1991, pico do processo epidêmico, houve maior divulgação de ações educativas promovidas para mobilização da população (Figura 2).

Figura 2 - Distribuição das notícias publicadas durante a primeira epidemia de dengue em Ribeirão Preto relativas à promoção de ações educativas para mobilização da população, segundo categoria A formada. 1990, 1991.



Fonte: Dados obtidos das reportagens utilizadas na pesquisa.

Na verdade, todas as categorias elaboradas para essa questão merecem atenção, independente da frequência de reportagens que as representa, pois cada uma retrata lacunas e falhas da educação e comunicação em saúde. De acordo com o apresentado na Tabela 2, apenas sete notícias abordam a desmobilização e omissão da população (5,6%), enquanto cinco alertam para a escassez de ações educativas e de informação (4%). Por fim, três colocam a necessidade de modificação de hábitos da população (2,4%).

A seguir, foram selecionadas três categorias e seus respectivos discursos gerados para exemplificar como as informações sobre o tópico em questão foram trabalhadas, entretanto cabe lembrar que a discussão feita refere-se a todos os discursos, e não apenas aos aqui apresentados:

A - Promoção de ações educativas para mobilização da população

“A epidemia provocou um aumento dos trabalhos de prevenção contra a doença em várias cidades da região. Pinotti anunciou a distribuição de 10 mil cartazes, 30 mil folhetos e 30 mil pôsteres para explicar à população como eliminar os focos do mosquito transmissor nas áreas afetadas. O secretário acredita, porém, que a campanha contra o mosquito só resultará na redução dos casos da moléstia em médio prazo. Prefeito decide feriado de combate à dengue, mas a definir detalhes da campanha. Ele acredita não ser necessário decretar feriado. Quer que a população se mobilize tanto dentro de suas casas como no ambiente de trabalho. No dia 15 de janeiro a prefeitura organizará na cidade o Dia Municipal de Combate à Dengue. Na ocasião será feito um balanço dos trabalhos realizados pela prefeitura e órgãos de saúde para erradicar o mosquito transmissor da doença na cidade. A população será mobilizada para

participar da campanha removendo todo o lixo que possa servir de criadouros para as larvas. De acordo com informação do secretário municipal da Saúde, Luiz Gaetani, a população será conclamada a participar efetivamente dos trabalhos, recolhendo em seus quintais tudo que estiver fora de uso e que possa servir como criadouro para as larvas do mosquito. A Câmara Municipal de Ribeirão Preto promove o debate "Dengue em Ribeirão Preto". Informações por telefone". (2ª quinzena – dezembro/1990) – (6 notícias)

"O Ministério da Saúde fará uma campanha nacional para alertar a população para o perigo da dengue. Alcení Guerra disse que o presidente Collor autorizou a abertura de licitação para a contratação de uma agência de publicidade que fará a campanha. O dia municipal de combate ao dengue será dia 15/01. O trabalho de conscientização da população para a gravidade do problema é prioridade no momento. Entre as medidas acertadas durante reunião entre Prefeitura e órgãos envolvidos, merecem destaque: formação de rede de emissoras de rádio, entrevistando técnicos de Saúde Pública e para pronunciamento do prefeito; envio de uma carta elaborada pela Sucen aos comerciantes para que vitrines mostrem criadouros e cartazes sobre o combate; participação da empresa de distribuição de gás Ultragás, com seus caminhões com alto-falantes passarão mensagens sobre o combate pela manhã do dia 15 na esplanada do Pedro II. Os moradores serão orientados pelos meios de comunicação a colocarem pneus velhos, latas, garrafas nas calçadas das casas para que sejam recolhidos. A Ultragás começará a distribuir folhetos explicativos com o calendário do mutirão para que os moradores dos bairros saibam em que dia a sua casa será visitada. O Disk Dengue, serviço que funciona 24 horas por dia informando a população sobre os meios de combater e evitar a doença, chegou a atender 100 chamados por dia de pessoas interessadas em conhecer os sintomas e tratamento da dengue. Campanhas foram feitas, com cartazes explicativos. Folha entrevista *Aedes aegypti*: em "entrevista exclusiva" à Folha, a elegante *Aedes aegypti* se defendeu das acusações que tem sofrido pela imprensa. Ela negou ser responsável pela epidemia de dengue no Estado e disse que o culpado é o próprio homem, porque as fêmeas do mosquito apenas transmitem. De barriga cheia e pernas listradas à mostra, ela acusou o ser humano de ser "facínora" por estar cometendo um infanticídio com a sua espécie. Disponibilização de um quadro intitulado "Tire suas dúvidas" no jornal. A Sucen vai criar o mosquito transmissor da dengue em cativeiros, para montar mostruários do *Aedes* que serão distribuídos aos postos de saúde. As pessoas estão conscientes da gravidade da doença". (1ª quinzena – janeiro/1991) – (7 notícias)

"A população de Ribeirão incorporou à rotina as campanhas educativas, numa guerra diária contra os focos do mosquito. Centenas de pessoas participaram das pulverizações, operações de limpeza e esclarecimento dos moradores. Wagner Costa disse que trabalhando em conjunto e cada prefeitura treinando seu pessoal foi possível educar a população e eliminar os focos do mosquito". (2ª quinzena – março/1991) – (2 notícias)

B - Desmobilização e omissão da população

"A equipe de Vigilância Epidemiológica suspeita que nas últimas semanas, com a população já bastante informada sobre a dengue, muitas pessoas com os sintomas podem ter deixado de procurar os postos, por terem conhecimento das instruções médicas que o caso requer. A população está omissa, não está indo aos postos de saúde. Em meio aos rumores de que 3 pessoas teriam morrido vítimas de dengue, a população de Ribeirão participou com pouco

entusiasmo ontem do primeiro dia da operação Pente Fino, para erradicação do mosquito transmissor. O Dia municipal de Combate à Dengue acabou sendo marcado por muito barulho e pouco trabalho. Poucas pessoas se dispuseram a colocar nas calçadas o lixo acumulado nos quintais, cujo destino seria o aterro municipal. Segundo Gasparini, os moradores e lojistas do centro da cidade e os moradores do bairro Ribeirão são os que menos colaboraram com a operação "Mata-Mosquito. O prefeito disse que o caso de dengue hemorrágica servirá para que a população não se acomode no combate ao mosquito. Somente algumas borracharias e ferros velhos insistem em não cooperar retirando os possíveis criadouros do mosquito. Calouros fogem de aula sobre dengue - os 120 calouros da FFCLRP/USP preferiram ontem as brincadeiras do trote tradicional à discussão da dengue numa aula inaugural, proposta pela Prefeitura do Campus. Campanhas divulgando na mídia, em tom triunfal, o fim da dengue no frio desmobilizou a população, porque quem é que vai ficar precavido com uma doença que não existe mais?" - (7 notícias)

C - Ações educativas escassas e falta de informação

"Ações educativas foram escassas e houve falta de informação da população sobre o funcionamento e estrutura administrativa da prefeitura. Observaram-se paradoxos sobre a doença, como: É dengue. Não tem mosquito. É dengue. Não dá pra ficar na conscientização. Durante as campanhas de limpeza, a prefeitura chegou a retirar de algumas áreas 750 caminhões de lixo guardado no fundo dos quintais. O orçamento da secretaria iria todo num programa de prevenção e por isso que é importante a participação da sociedade. Se fazia urgente a intensificação de campanhas publicitárias, e a prefeitura de Ribeirão espalhou outdoors pela cidade dizendo que a epidemia acabou." - (5 notícias)

A informação é caracterizada por processos epidemiológicos e estatísticos, enquanto a comunicação aborda procedimentos que lapidam a informação para que esta circule e seja transformada em saberes pelas pessoas (ARAÚJO; CARDOSO, 2007). A comunicação engloba sentidos e vozes múltiplas (MATTELART, 1999).

Como o propósito desse artigo foi apresentar como se deu a comunicação midiática sobre a promoção de ações educativas para o combate da primeira epidemia de dengue na cidade, não houve aprofundamento na discussão sobre a eficácia e efetividade das ações executadas pela Prefeitura.

Por meio do resgate das representações sociais sobre dengue em revistas semanais e jornais diários, conseguiu-se identificar hábitos, comportamentos e atitudes do governo e da comunidade em relação à doença. Se deixarmos nos levar pela consistência do discurso formado e desconsiderarmos que apenas 19 notícias de 125 abordaram o subtema, afirmaremos que a promoção de ações educativas foi satisfatória e que a mídia impressa realizou um trabalho de alto teor educativo, divulgando com êxito as ocorrências relacionadas e contribuindo para a educação em saúde da comunidade.

Porém, se ampliarmos o olhar para as outras categorias formadas - também constituídas por poucas notícias - têm-se relatos de que o dia municipal de combate foi "marcado por muito barulho e pouco trabalho", exemplificando desmobilização e omissão da população, consequência de um trabalho educativo ineficaz. Cada vez mais, conforme Ferraz e Gomes (2012), a corresponsabilidade entre governo e população vem sendo exaltada na tentativa de obter bons resultados no combate à dengue. A população não foi estimulada a questionar

constantemente atitudes e hábitos para auxiliar de forma detectável o controle da epidemia, e isso, conforme WHO (2004) inviabiliza que as pessoas tenham responsabilidade sobre sua própria saúde e aprendam atitudes básicas a serem colocadas em prática na presença de algum risco à saúde. Outras notícias entram em choque com as que afirmaram que ações educativas foram realizadas e registram a escassez de ações concretas e de informações relevantes veiculadas pelo meio.

Como se não bastasse escassez de informação, houve divulgação de informações incorretas. Um exemplo é a afirmação encontrada em uma notícia de que o mosquito mencionado (*Aedes*) não tinha relação com a dengue. Outro exemplo, bastante preocupante também, é que não seria possível superar a epidemia com a conscientização da população, isso era “conversa”. Por fim, mediante entrevistas feitas com autoridades políticas, os editores dos jornais e revistas estudadas foram capazes de publicar, sem questionamento ou crítica, que a epidemia havia acabado, quando na verdade ela estava em seu auge.

Os profissionais que lidam com informação e comunicação em saúde, na mídia impressa, precisam ser capacitados para provocar a aproximação da linguagem técnica à linguagem popular. Essa estratégia permite, no cotidiano, uma maior apropriação de conteúdo pelo público. Por essa via, as pessoas conseguirão questionar seus hábitos no cotidiano, quando se depararem com informações das quais elas consigam extrair a importância, e conforme Villela e Almeida (2012), as mudanças de hábito individuais podem ter um efeito multiplicador, conduzindo a uma interação mais ampla, levando a mudanças coletivas. Para isso, é essencial o comprometimento dos profissionais da informação e comunicação.

Assim, nota-se a necessidade de fornecer condições adequadas para que esses profissionais saibam priorizar o que é essencial divulgar para sustentar as ações dos indivíduos, não deixando que questões meramente políticas sobreponham questões prioritárias de Educação em saúde, por meio do empoderamento que a mídia possibilita em cada reportagem publicada cotidianamente.

Considerações finais

Diante da análise da abordagem conferida pela mídia para a primeira epidemia de dengue em Ribeirão Preto, no período de novembro de 1990 a março de 1991, comprovou-se a defasagem na informação disponibilizada nos meios de comunicação. O segundo subtema menos apresentado pela imprensa foi *ações educativas promovidas*, só ganhando do subtema *penalidades*.

Por meio da análise dos discursos formados para cada categoria do subtema em questão, nota-se que houve a divulgação para os leitores das ações educativas promovidas. As autoridades políticas e sanitárias fizeram uso da comunicação midiática para expor o trabalho realizado em campanhas para o controle da doença. A mídia impressa permitiu enxergar a tentativa de mobilizar a população para que as propostas de ação, como o mutirão para retirar o lixo, tivessem uma repercussão satisfatória no combate à dengue.

As autoridades perceberam com o agravamento da epidemia que a conscientização e participação ativa da população eram essenciais para o sucesso do controle. As ações educativas predominantes foram: cartazes, explicativos, criação do *disk-dengue*, organização do dia municipal de combate, quadros “tira-dúvidas” para os leitores consultarem. Assim, afirmaram ter conseguido a participação das pessoas, pelo menos por um curto espaço de tempo, em pulverizações e operações de limpeza.

No entanto, o que se priorizou nas pautas dos jornais diários foram questões políticas, fazendo uso do sensacionalismo para apontar a irresponsabilidade e falta de comprometimento das autoridades e, concomitantemente, direcionando o foco para a falta de mobilização da população para colaborar com as ações promovidas pelas estâncias do governo.

Assim, fica evidente a confusão estabelecida no conteúdo das reportagens selecionadas e a prevalência de questões políticas sobre questões prioritárias de saúde, o que dificulta a conquista da competência informacional. A abordagem feita pela mídia impressa sobre o subtema *ações educativas promovidas*, foco deste artigo, não trouxe contribuições para aprimorar o conhecimento da comunidade sobre a doença a fim de possibilitar a prevenção. A população não foi estimulada a questionar constantemente atitudes e hábitos para auxiliar de forma significativa o controle da epidemia.

Qual o tipo de informação que o cidadão tem acesso durante os processos epidêmicos: informação política ou educativa? É nesse contexto que estudos de representações sociais na mídia podem contribuir na área da saúde. A análise do conteúdo informacional midiático das epidemias passadas é de extrema importância não só para que ações educativas ineficazes não voltem a ser empreendidas nos desafios futuros, mas também para que se aprenda a selecionar a informação que realmente agrega valor para a melhoria da qualidade de vida do leitor. É importante que a comunicação midiática tenha sempre como objetivo a construção de sentidos que transformem e aprimorem os comportamentos individuais, permitindo a conquista de resultados positivos para o bem-estar de uma coletividade.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, I. S.; CARDOSO, J. M. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2007.

BREILH, J. **Epidemiologia: economia, política e saúde**. São Paulo: Hucitec-Unesp, 1991.

COSTA, A. I. P.; NATAL, D. Distribuição espacial da dengue e determinantes socioeconômicos em localidade urbana no sudeste do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 232-236, 1998.

FERRAZ, L. M. R.; GOMES, I. M. A. M. A construção discursiva sobre a dengue na mídia. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 15, n.1, p. 63-74, 2012.

FRANÇA, E.; ABREU, D.; SIQUEIRA, M. Epidemias de dengue e divulgação de informações pela imprensa. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 1334-1341, 2004.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C.; TEIXEIRA, J. J. V. **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social**. Brasília: Liber Livro, 2005, 97 p.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C.; IGNARRA, R. M. **O conhecimento da intersecção: uma nova proposta para as relações entre a academia e a sociedade**. São Paulo: FSP/USP: IPDSC, 2007, 120 p.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999. 220 p.

MELO FILHO, D. A. **Epidemiologia social: compreensão e crítica**. São Paulo: HUCITEC, 2003, 167 p.

PONTES, R. J. S. et al. Epidemia de dengue em Ribeirão Preto, SP, Brasil: Nota prévia. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 315-317, 1991.

RANGEL-S, M. L. Epidemia e mídia: sentidos construídos em narrativas jornalísticas. **Saúde e Sociedade**, v. 12, n. 2, p. 5-17, 2003.

RANGEL-S, M. L. Dengue: educação, comunicação e mobilização na perspectiva do controle - propostas inovadoras. **Saúde e Sociedade**, v. 12, n. 25, p. 433-441, 2008.

RODRIGUES, E. M. S. et al. Epidemiologia da infecção pela dengue em Ribeirão Preto, SP, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 2, p. 160-165, 2002.

VILLELA, E. F. M.; ALMEIDA, M. A. Mediações da informação em Saúde Pública: um estudo sobre a dengue. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em saúde**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 48-59, 2012.

VILLELA, E. F. M.; NATAL, D. Encefalite no litoral paulista: a emergência da epidemia e a reação da mídia impressa. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 756-761, 2009.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Outbreak communication – best practices for communicating with the public during an outbreak**. Singapura, 2004. 70 p. Disponível em: <http://www.who.int/csr/resources/publications/WHO_CDS_2005_32web.pdf>. Acesso em: 21 jul.2012.

Recebimento: 21.11.2012

Aceite: 13.03.2013